

## **Canais formais de comunicação do conhecimento antropológico produzido no Brasil\***

**Marlene de Oliveira**

### **Resumo**

Estudo com o objetivo de identificar os canais de comunicação em antropologia. Utilizou-se a base de dados do Sistema de Acompanhamento e Avaliação da Capes para levantamento dos dados referentes a oito cursos de pós-graduação em antropologia. Selecionaram-se três variáveis para realização do trabalho: a) instituições; b) corpo docente (professores/pesquisadores); c) produção bibliográfica. Os primeiros resultados foram submetidos à apreciação de membros da comunidade de antropólogos para análise qualitativa dos dados estatísticos. O resultado final da análise revelou três tipos de canais de comunicação. Os canais formais, os canais semiformais e outros canais de comunicação na área. Enfatizaram-se os canais formais utilizados, o periódico e o livro. Constatou-se que a natureza da disciplina científica determina as características dos canais formais de comunicação.

### **Palavras-chave**

Comunicação científica; Canais formais; Antropologia.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo tem como objetivo identificar os canais formais de comunicação do conhecimento antropológico produzido no Brasil. Utilizou-se a base de dados do Sistema de Acompanhamento e Avaliação da Capes, onde foram coletadas as informações sobre os cursos de pós-graduação em antropologia, a produção científica de seus professores/pesquisadores, desde a origem dos cursos, até o ano de 1985. Os resultados do estudo foram submetidos à apreciação de membros da comunidade de antropólogos para análise qualitativa dos dados estatísticos.

### **COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA, IMPORTÂNCIA E ALGUMAS IMPLICAÇÕES**

O processo de socialização do pesquisador em qualquer disciplina do conhecimento científico envolve todo um sistema de comunicação, o qual possui estrutura muito peculiar e apresenta características próprias pertinentes a cada área do saber científico. A importância da comunicação na ciência, segundo Reis<sup>1</sup>, está em “fornecer a todos os cientistas a oportunidade de pôr a prova as idéias e experiências, tentar verificá-las ou submetê-las ao processo de validação do texto e, afinal, incorporar um elo a mais, por pequeno que seja, às muitas correntes que formam a grande cadeia do conhecimento”. A comunicação na ciência tornou-se objeto de estudo de vários pesquisadores em diferentes áreas, seja para compreensão do processo de socialização do cientista, seja para conhecimento dos componentes dos sistema de comunicação, sua estrutura e complexidade<sup>2,3,4,5,6</sup>.

Do ponto de vista do sistema de comunicação, os estudos se intensificaram a partir da década de 60 com a necessidade de se entender o “crescimento exponencial da ciência”, fenômeno surgido depois da II Guerra Mundial<sup>7</sup>. Esse fenômeno foi motivo de preocupação, principalmente dos cientistas da informação que o denominaram de “explosão da informação”<sup>8</sup>. A literatura sobre o assunto cresceu e muitas questões foram investigadas para que se compreendesse o fenômeno. Uma dessas questões é por que os cientistas publicam ?

\* Este artigo foi extraído da dissertação de mestrado apresentada ao IBICT/UFRJ

Segundo Ziman<sup>9</sup>, a função do cientista é produzir e publicar trabalhos originais, comunicar a seus pares, e, assim, contribuir para o conhecimento público. A publicação dos resultados de pesquisa em padrões autorizados e referendados por um periódico científico constitui não somente uma característica da ciência e um direito do pesquisador, mas um dever, e tal tipo de comportamento é esperado pelos seus pares e empregadores.

Conforme Castro<sup>10</sup>, fazer pesquisa não é o mesmo que fazer ciência; a última é mais abrangente. Entende-se então que a atividade científica deve materializar-se em trabalhos escritos validados e legitimados pela comunidade, constituindo-se esses em importantes indicadores do estágio de desenvolvimento de uma área do saber.

O produto da atividade de pesquisa, ou seja, as publicações, integra-se no sistema de comunicação na ciência como os canais formais<sup>11</sup> de comunicação científica. São também considerados os seus filtros de seleção. Existem diferentes tipos de canais formais, e a informação que flui por meio deles sofre um processo contínuo de depuração. Entre os canais formais mais característicos, estão os periódicos e os livros.

## **O PERIÓDICO CIENTÍFICO**

No sistema de comunicação na ciência, o periódico é considerado a fonte primária mais importante para a comunidade científica. O protótipo do periódico científico surgiu como o braço funcional das sociedades científicas com a finalidade de incentivar a pesquisa e desenvolver o fluxo de informação científica, nacional e internacionalmente. Ainda hoje, essa é a preocupação das sociedades científicas, as quais são grandes editoras de periódicos científicos<sup>12</sup>.

Por intermédio do periódico científico, a pesquisa é formalizada, torna-se conhecimento público e promove a comunicação entre cientistas. É um canal ágil, rápido na disseminação de novos conhecimentos e essencial na distribuição de reconhecimento entre os cientistas. Decorre daí a função social do periódico científico, ou seja, a publicação de resultados de pesquisas depende do processo de avaliação pelos pares.

Para Herschman<sup>13</sup>, a importância do periódico no sistema de comunicação na ciência deve-se a suas três funções básicas: a) função de registro público oficial; b) função de disseminação; c) meio que conduz ao prestígio e reconhecimento.

Essas funções se interpenetram e, assim, preenchem determinadas necessidades dos cientistas em particular e do funcionamento da ciência.

A literatura estrangeira sobre o periódico científico reflete uma discussão muito abrangente do tema. O periódico é estudado e pesquisado nos seus mais diversos aspectos: formais, de conteúdo, editoriais, de comercialização e distribuição e suas implicações em frente da crescente especialização e também o crescimento desse tipo de publicação.

Ao analisar a função do periódico científico no terceiro mundo Altbach<sup>14</sup> salientou que nesses países tornam-se mais importantes porque freqüentemente são pioneiros no desenvolvimento de campos científicos. Eles criam senso de legitimidade para o campo, definem sua natureza e legitimam o conhecimento produzido. Ainda, conforme o autor, o periódico estabelece canais de comunicação entre pesquisadores, com outros países e com os maiores centros de pesquisa das nações industrializadas.

Os estudos sobre periódicos científicos no Brasil abordam aspectos de qualidade, normalização, comercialização e distribuição, falta de apoio institucional e recursos financeiros, bem como descontinuidade de suas edições<sup>15</sup>.

## O LIVRO

O livro ainda representa uma parte importante, embora relativamente menor que o periódico, na ciência do século XX. As pesquisas eram divulgadas, basicamente na forma de monografias. Esse costume começou a desaparecer principalmente entre os cientistas físicos do século XIX. O declínio do livro como canal privilegiado de comunicação da pesquisa científica reflete o crescimento de pressões para estabelecer prioridade tão rapidamente quanto possível<sup>16</sup>.

Nesse tipo de publicação, gasta-se muito tempo na preparação e publicação em grandes tiragens, o que atrasa a corrida para disseminação dos resultados de pesquisas.

Atualmente, o uso do livro como canal de comunicação na ciência tornou-se uma característica que difere de uma disciplina para outra. As ciências sociais usam mais a forma do livro do que outras ciências.

Em seu artigo sobre produção científica no Brasil Castro<sup>17</sup> identificou três formas de publicação: livros, artigos e comunicações, as quais refletem níveis diferentes de ambição, esforço e realização.

Segundo o autor, o livro requer mais fôlego que um artigo e apresenta características diferentes de uma área para outra. Nas chamadas ciências *hard* (física, química), o canal de comunicação usual é o periódico científico. Os livros, nestas áreas são, em sua maioria, textos didáticos sem maior contribuição para o conhecimento existente. No entanto, nas ciências sociais, “os livros podem ser uma forma comum de publicar. Isto é verdade na história, talvez mais do que em outras áreas<sup>18</sup>”.

## NATUREZA DA ÁREA

Como a antropologia é uma das disciplinas que compõem as ciências sociais, procurou-se entender os aspectos de comunicação formal dentro de um quadro maior, que é o das ciências sociais, cujas disciplinas apresentam características semelhantes, como o sujeito/objeto das investigações que se insere na própria realidade humana/social.

Essas disciplinas que compõem as ciências sociais apresentam algumas características comuns. Line<sup>19</sup>, pesquisador da área de ciência da informação, identificou as seguintes características gerais daquelas ciências, as quais podem distingui-las das demais:

- a) o sujeito (objeto) é instável e muda constantemente;
- b) as abordagens para estudo do objeto (tema) variam enormemente, por exemplo: comportamental, filosófico e outras.;
- c) são comuns as disputas metodológicas;
- d) cada disciplina não apresenta campo bem definido, e há considerável coincidência de estudos entre elas;
- e) a dispersão da informação potencialmente relevante é maior que nas outras ciências;
- f) a descoberta é completamente diferente do fenômeno da descoberta nas demais ciências, e a prioridade para publicação de um novo avanço é muito menor;
- g) a duplicação da pesquisa é quase impossível, e a réplica é freqüentemente desejável;
- h) o conhecimento anterior não é substituído do mesmo modo.

Essas características que particularizam as ciências sociais podem determinar a quantidade e saída do produto da atividade de pesquisa, tipo de canal utilizado e seu fluxo de comunicação no tempo.

## NOTAS SOBRE A ANTROPOLOGIA NO BRASIL

A formação e desenvolvimento da antropologia no país teve forte conotação estrangeira.

A primeira fase do seu desenvolvimento foi caracterizada por Azevedo<sup>20</sup> como pré-científica. Os autores desta fase, apesar de não serem cientistas sociais, deixaram registrados em suas cartas e relatórios os costumes indígenas e outras informações etnológicas. Esses cronistas eram navegadores, missionários, curiosos de diversas origens, diplomatas, empresários, militares e naturalistas que visitaram o Brasil ou aqui viveram. Essa fase foi caracterizada principalmente pelos registros das grandes expedições científicas. Dessas expedições, participavam sempre naturalistas que, por sua formação, mantinham uma certa disciplina em suas observações empíricas. Da fase dos cronistas até os anos 30, foram muitas as contribuições à etnologia<sup>21</sup> aqui desenvolvida. Os estudiosos dessa fase também não tinham formação profissional diferente, e entre eles encontravam-se poetas, engenheiros, jornalistas, botânicos etc. Um desses estudiosos, Nunes Pereira, realizou estudos sobre a região amazônica, seus trabalhos são citados e procurados por pesquisadores de todo o mundo que se interessam pela região, no entanto era veterinário de formação, não formou alunos e aposentou-se como funcionário do Ministério da Agricultura e se declarava ictiólogo. Conviveu todavia, com todos os assim chamados antropólogos de sua geração, brasileiros e estrangeiros<sup>22</sup>.

Os pesquisadores dessa fase preocupavam-se com os índios, negros e sertanejos como formadores do povo brasileiro e principalmente quanto aos seus destinos na sociedade como minoria que eram. Destacam-se entre eles Manuel Raimundo Quirino e Nina Rodrigues os quais iniciaram os estudos sobre o negro no Brasil<sup>23</sup>.

Nas primeiras décadas deste século, foram muitos os estudiosos alemães que aqui se fixaram, ou em países vizinhos. Entre os mais famosos está Curt Nimuendaju, que, apesar de não possuir formação acadêmica, deixou grandes contribuições à etnologia, entre as quais o mapa étnico-histórico dos índios do Brasil, acompanhado de uma bibliografia.

A partir da década de 30, o país sofreu mudanças sociais acentuadas. O trabalho de pesquisa multiplicou-se em diferentes campos. Foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de São Paulo (USP) e a Escola de Sociologia e Política no Estado de São Paulo; universidades e outras faculdades de filosofia, ciências e letras surgiram em outros pontos do país.

A necessidade de professores nas escolas recém-criadas levou à contratação de vários mestres estrangeiros. Em São Paulo, foram contratados Roger Bastide, Emilio Willems, Claude Levi-Strauss, Herbert Baldus e Donald Pierson. Segundo Correa<sup>24</sup>, a presença desses professores indicou uma mudança de orientação metodológica e teórica que seria decisiva para os caminhos das ciências sociais no país e para a antropologia em particular, até meados dos anos 60.

Ressurgiram, nessa época, os estudos africanistas que tinham esmorecido após a morte de Nina Rodrigues. Com *Casa Grande e Senzala* e *Sobrados e Mocambos*, de Gilberto Freire, teve início os estudos de interpretação da sociedade brasileira.

Esse grupo de pesquisadores e estudiosos, estrangeiros e brasileiros, que se comunicavam, se reconheciam e se definiam como antropólogos foi formalizado em 1955 com a criação da Associação Brasileira de Antropologia.

A partir da década de 60 e princípio da de 70, cresceu o número de antropólogos titulados, apesar da ruptura representada pela saída do país de importantes personagens da história recente da antropologia e ciências sociais no Brasil.

## **O FENÔMENO DA DESCOBERTA NA ANTROPOLOGIA**

O fenômeno da descoberta é uma característica importante nos diversos ramos da ciência. Esse fenômeno pode determinar o tipo e a forma do produto final da ciência, que é a publicação dos resultados de pesquisa.

A comunicação rápida da descoberta é uma tendência que se acentua mais em determinados ramos da ciência que em outros. A urgência em comunicar o que se está pesquisando associa-se a uma tendência mais comum nos países desenvolvidos, que é a disputa para estabelecer primazia na descoberta.

O fenômeno da descoberta é uma característica que distingue a antropologia (e outras disciplinas das ciências sociais) das ciências físicas e naturais.

O resultado da pesquisa na antropologia torna-se uma interpretação, e não uma descoberta. Conforme Melatti<sup>25</sup> “, o antropólogo é intérprete de outras culturas ou das culturas da própria sociedade. No caso, a disputa não seria por descoberta, mas para fazer a melhor interpretação. Daí as novas interpretações, as novas leituras de clássicos. Um autor pode interpretar, ler ou reinventar, por exemplo, as ilhas pesquisadas por Malinowsky<sup>26</sup> e trazer uma nova interpretação etnográfica”.

Uma nova interpretação mostra a realidade por outro ângulo e, assim, inova. Na antropologia, a originalidade está na novidade de uma nova interpretação. A comunicação seria feita, então, para garantir a originalidade, e não a descoberta.

Como a antropologia é uma disciplina que interpreta a realidade social mediante estudo de grupos, a literatura gerada para comunicação desses estudos será basicamente discursiva, enquanto os resultados de uma descoberta, na física, por exemplo, podem ser comunicados em um simples artigo de três páginas utilizando-se fórmulas matemáticas e gráficos, na antropologia se descreve com minúcias e detalhes o resultado da análise do grupo estudado. Isso implica uma forma de comunicação que pode ser um artigo de periódico, mas, em muitos casos, é sob forma de livro.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados dos dados analisados para identificar os canais formais de comunicação na antropologia foram dispostos conforme as variáveis estudadas: instituições, professores/pesquisadores, produção bibliográfica.

Apesar do tempo decorrido desde o término do estudo, acredita-se que tais resultados não devem ter sofrido modificações significativas. A produção científica nas áreas de humanas e sociais é de lenta maturação, assim como as análises advindas dos estudos dessa produção.

## **INSTITUIÇÃO**

A formação de uma comunidade científica em qualquer área da ciência depende de sua capacidade de socialização e reprodução. Segundo Franken<sup>27</sup>, depende da capacidade de formar junto aos jovens uma sólida vocação científica, da criação e ampliação do mercado de trabalho e das condições de trabalho para que estas vocações frutifiquem. Essa capacidade de socialização e reprodução está condicionada a um respaldo político e social, que se traduz por meio do financiamento e do apoio à pesquisa. Tal condição de desenvolvimento reforça a estabilidade da atividade de pesquisa e aumenta sua legitimidade diante das demais atividades sociais.

No Brasil, as comunidades científicas se abrigam comumente nas universidades, onde basicamente se realizam as atividades de pesquisa. A insuficiência dos recursos dotados a essas instituições, destinados à pesquisa somados a outras fragilidades institucionais refletem-se no produto final da atividade, que é a produção bibliográfica. A antropologia social é uma área de desenvolvimento recente no país e conta com pouco mais de uma centena de pesquisadores trabalhando nas universidades. No entanto, apesar do quadro de insegurança e

instabilidade em que se movem as universidades brasileiras, a área tem-se desenvolvido. E hoje, existe um consenso no sentido de que a antropologia social atingiu um razoável grau de maturidade.

## PROFESSORES/PESQUISADORES

A formação do antropólogo, a princípio, era realizada sob tutela do pesquisador estrangeiro. Poucos cursos foram realizados para formação de antropólogos até a década de 70. A partir desta data, a formação passou a ser feita por meio dos cursos de pós-graduação, com graduados oriundos, em geral, de outras disciplinas das ciências sociais.

Na pesquisa sobre os antropólogos no Brasil, Correa<sup>28</sup> narrou sua experiência de como mapeou o território da antropologia no país, e assim os definiu: “Sem ser preciso invocar regalias para o papel institucional, parecia-nos que antropólogos eram aqueles que tinham contribuído para a construção do nicho antropológico — em museus, universidades, agências financiadoras, centros de pesquisas, ainda que, depois, por razões acadêmicas ou políticas, tenham passado a denominar-se ou a serem denominados sociólogos (passagem mais comum), educadores ou administradores”. Identificou o antropólogo como um “estrangeiro” que integra uma tribo. E considerou esses estrangeiros, quando provenientes de outras nacionalidades ou nativos, mas oriundos de outras áreas do saber.

## PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

A literatura formal é tradicionalmente referendada e, então, editada. A publicação semiformal, usualmente não é submetida ao referendo formal ou revisão editorial. Utilizando esses conceitos, chegou-se à caracterização dos canais formais de comunicação na antropologia.

A tabela 1 mostra a distribuição da literatura antropológica por tipo de canal de comunicação como se apresentava em 1988.

Tabela 1

### Produção Bibliográfica acumulada e classificada por tipos de canais

Canal	Tipo	Frequência	Percentual
Canais Formais	AN	329	40,07
	AC	69	8,40
	AE	58	7,06
	LN	124	15,10
	LE	14	1,71
Subtotal		594	72,34
Canais Semiformais	AO	85	10,35
	CC	69	8,40
	CE	9	1,10
Subtotal		163	19,85
Outros Semiformais	AJ	60	7,31
	LT	3	0,37
Subtotal		63	7,68
Não Informada		1	0,12
Total Geral		821	100,00

AN - artigo nacional

AC - artigo de coletânea

AE - artigo publicado no exterior  
 LN - livro nacional  
 LE - livro publicado no exterior  
 AO - artigos outros  
 CC - comunicação em congresso  
 CE - comunicação em congresso no exterior  
 AJ - artigo de jornal  
 LT - livro traduzido

Os canais formais representam 72% da produção bibliográfica produzida no período. São aqueles canais em que a revisão pelos pares, o *imprimatur*, é fundamental. Incluem-se tanto os artigos de periódicos nacionais (AN) quanto os publicados no exterior (AE), os artigos de coletâneas (AC), os livros nacionais e os livros publicados no exterior.

No grupo de canais semiformais estão as contribuições apresentadas em congressos nacionais (CC) e em encontros científicos no exterior (CE). Incluem-se também, neste grupo, as resenhas de livros, prefácios, bibliografias comentadas e artigos ainda não publicados.

Foram reunidos como outros canais as contribuições publicadas em jornais diários (AJ) e livros traduzidos (LT).

Os canais formais são os mais significativos do ponto de vista quantitativo, representando 72% do total da produção bibliográfica, o periódico e o livro foram os canais formais identificados como os mais utilizados pelos antropólogos para comunicar seus resultados de pesquisas. O livro aparece em segundo lugar como canal formal utilizado pelos antropólogos brasileiros.

Os artigos de periódico gerados pelos professores/pesquisadores foram publicados em títulos nacionais e no exterior.

O total de artigos publicados escoou por 114 títulos de revistas, sendo que apenas seis títulos foram responsáveis por 49,5% da produção\*. O restante, 50,5% de artigos publicados fragmentou-se em 108 títulos. Da lista identificada, apenas três títulos se caracterizam como revistas especializadas em antropologia: o *Anuário Antropológico*, a *Revista de Antropologia* e a *Revista do Museu Paulista de Antropologia*. As duas primeiras constam como as mais produtivas da área. Essa dispersão confirma a descoberta de Garvey<sup>29</sup> que detectou dificuldades no processo de transferência da informação do domínio informal para o formal e que tais problemas são maiores entre os cientistas sociais. Enquanto que, nas ciências físicas, um núcleo de revistas dissemina o volume da literatura produzida anualmente, nas ciências sociais o núcleo de revistas publica anualmente poucos artigos, enquanto um grande número de revistas que não compõem o núcleo dissemina uma boa parte da literatura produzida. Os motivos dessa dispersão podem estar relacionados com os padrões de pesquisa na antropologia e na falta de revistas especializadas em número suficiente. Em seu estudo sobre as publicações científicas brasileiras, Schwartzman<sup>30</sup> descreve alguns padrões de publicações e aponta problemas detectados. Um deles seria a fragilidade de algumas das revistas estudadas, o que pode ser comum a outras disciplinas das ciências sociais. Os títulos não se mantêm, as revistas podem desaparecer, trocar de título e comumente os números saem atrasados.

A tabela 2 mostra os títulos de periódicos nacionais utilizados pelos autores que publicaram até dois trabalhos.

---

\* Dos seis periódicos identificados em 1988 como os canais de comunicação mais utilizados pelos antropólogos apenas, quatro deles ainda estão ativos atualmente: *Anuário Antropológico*, *Revista de Antropologia*, *Religião e Sociedade* e *Trabalhos em Ciências Sociais*

Tabela 2

**Periódicos que divulgavam trabalhos de Antropologia em 1988**

<b>Nº ordem</b>	<b>Título do Periódico</b>	<b>Nº de Artigos</b>
1	<i>Anuário Antropológico</i>	67
2	<i>Revista de Antropologia</i>	22
3	<i>Religião e Sociedade</i>	22
4	<i>Trabalhos em Ciências Sociais (UnB)</i>	21
5	<i>Boletim do Museu Nacional</i>	18
6	<i>Revista do Ins.Fil.Ciênc.Humanas (UFRGS)</i>	13
7	<i>Revista de Dados</i>	7
8	<i>Encontros com a Civ. Brasileira</i>	7
9	<i>Ciência e Cultura</i>	5
10	<i>Revista de Ciências Sociais (Fortaleza)</i>	4
11	<i>Cadernos do ISER</i>	4
12	<i>Comunicações do ISER</i>	4
13	<i>Novos Estudos CEBRAP</i>	4
14	<i>Revista Vivência</i>	4
15	<i>Revista Ciência Hoje</i>	4
16	<i>Aconteceu</i>	3
17	<i>Cadernos do Centro Est.Rur./Urbanos</i>	3
18	<i>Cadernos CEPAM</i>	3
19	<i>Comunicações UFPe</i>	3
20	<i>Revista do Museu Paulista de Antropologia</i>	3
21	<i>Bol.Ass.Gaúcha de Sociologia</i>	2
22	<i>Bol.Deptº Ciências Sociais (UFPe)</i>	2
23	<i>Brusque - Ontem e Hoje</i>	2
24	<i>Cadernos Est.Afro-asiáticos</i>	2
25	<i>Ciência e Trópico</i>	2
26	<i>Comunicação e Sociedade</i>	2
27	<i>Estudos Universitários (UFPe)</i>	2
28	<i>Lua Nova</i>	2
29	<i>Rev. Educação e Sociedade</i>	2
30	<i>Revista do PMDB</i>	2
31	<i>Revista Terra e Sol</i>	2
32	<i>Temas Educacionais</i>	2
33	<i>Tradição e Ruptura</i>	2
34	<i>Revista de Cultura Vozes</i>	2
35	<i>Outras (*)</i>	80
<b>Total</b>		<b>329</b>

(\*) - Número de revistas que produziram 1 artigo.

A necessidade de publicação de textos científicos acabados é também preocupação dos editores científicos brasileiros. No 1º Encontro de Editores de Revistas Científicas, constatou-se que “há uma grande defasagem entre o crescimento da produção científica — avaliada em apresentações em congressos, resumos, teses defendidas nos programas de pós-graduação etc. e o número de trabalhos publicados que não aumentou proporcionalmente”<sup>31</sup>. Esse tipo de fragilidade decorre também do fato de as revistas científicas não serem auto-suficientes do ponto de vista financeiro. O público de uma revista científica é reduzido, não sendo as assinaturas suficientes para cobrir os custos de pessoal, impressão e circulação do periódico. Daí a necessidade do



subsídio financeiro de órgãos de fomento, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Financiadora de Estudos e Pesquisas (Finep).

O livro foi identificado como o segundo canal mais utilizado pelos antropólogos, o que vem outra vez confirmar a observação de Garvey<sup>32</sup> de que, nas ciências sociais, o uso do livro é mais comum do que nas ciências físicas, por exemplo.

Na antropologia, o livro é também um canal de inovação na área. Segundo Ramos<sup>33</sup>, “inova talvez até mais que o artigo, em um livro tem-se mais espaço. Nossa característica em relação às ciências físicas é que somos muito discursivos, no livro pode-se esmiuçar argumentos, quando, no artigo, você vai com pinceladas rápidas”.

As dificuldades de comunicação pelo livro manifestam-se nos problemas de edição dos mesmos. A publicação de um livro é lenta e difícil. As editoras, na sua maioria, são comerciais e localizam-se no eixo Rio/São Paulo, com carências no Nordeste e Centro-Oeste. Essa distância impede a conversa com o editor, o encontro fora do expediente para falar da pesquisa. Essas conversas são fundamentais até para o reconhecimento, por parte do editor, da importância do trabalho.

Por isso, torna-se necessário que o financiamento da pesquisa em ciência e tecnologia se estenda de forma regular e sistemática à manutenção de revistas especializadas e à edição de livros. O financiamento apenas da pesquisa leva à produção de um conhecimento invisível, não legitimado pela comunidade científica interna e desconhecido da comunidade internacional.

## BIBLIOGRAFIA E NOTAS

- 1 - REIS, José. Ciência, Comunicação e SBPC. *Ciência e Cultura*, 30 (11):1.291-5, nov. 1978.
- 2 - ZIMAN, John. *Conhecimento público*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1979. 164p.
- 3 - GARVEY, W. D. *Communication: the essence of science*. Oxford, Pergamon Press, 1979. 332p.
- 4 - MEADOWS, A.J. *Communication in science*. London, Butterworths, 1974. 248p.
- 5 - CRANE, D. *Invisible colleges*, diffusion of knowledge in scientific communities. Chicago Press, 1972. 213p.
- 6 - FERNANDEZ, Rosali Pacheco. *Patters of communication in Brazilian condensed Matter Physics: bibliometric and others investigations for the period 1950-1980*. London, 1984. 371p. ( Tese de Doutorado apresentada à School of Librarianship and Information Studies).
- 7 - PRICE, Derek de Solla. *O desenvolvimento da ciência*, Análise histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1979. 75p.
- 8 - MORAVCSIK, Michael J. *Science development; the building of science in less developed countries*. Bloomington, Indiana, Pasitan, 1976. 262p. cap. 4
- 9 - ZIMAN, op. cit.
- 10 - CASTRO, C. de Moura. Há produção científica no Brasil? *Ciência e Cultura* 37 (7): 165-187, jul. 1985.
- 11 - O sistema de comunicação na ciência estudado por Garvey, op. cit. apresenta dois tipos de canais de comunicação dotados de diferentes funções. São caracterizados na literatura corrente como canais formais e

canais informais. O canal formal representa a parte visível (pública) do sistema de comunicação científica. É a parte que escoar na forma de artigos de periódicos, livros, comunicações escritas em encontros científicos etc. O canal informal de comunicação caracteriza-se por conversas telefônicas, cartas, pré-prints, relatórios técnicos e assemelhados.

12 - MEADOWS, A. J. op. cit. p 69.

13 - HERSCHMAN, A. The primary journal: past, present and future. *J. Chem. Doc.* 10 (1) :37-42, 1970

14 - ALTBACH. P. G. *The role of journals in knowledge distribution in the third world.* Paper prepared for the International Seminar on Development Scientific and Technological Research Effectiveness. Rio de Janeiro, jan 15-18, 1985. (mimeogr.)

15 - Ver entre outros os trabalhos de : FERREZ., Helena D. *Análise da Literatura periódica brasileira na área de História.* Rio de Janeiro, 1981. 168p. (Dissertação de Mestrado apresentado ao IBICT/UFRJ). YAHN, V. G. *Avaliação de periódicos brasileiros; um estudo na área de agricultura.* Rio de Janeiro, IBICT, 1983. 140 p. (Dissertação de mestrado apresentada ao IBICT/UFRJ). COSTA, A. F. C. da. *Estrutura da produção editorial de periódicos biomédicos brasileiros.* Rio de Janeiro, 1988. 152p. (Dissertação de mestrado apresentada ao IBICT/UFRJ).

16 - MEADOWS, A.J. op. cit. p. 67-8

17 - CASTRO, Claudio Moura. op. cit.

18 - CASTRO, Claudio Moura. op. cit.

19 - LINE, Maurice. Apud HAART, H. P. Hogeweg. *The characteristics of social science information; a selected review of the literature,* Budapest, FID, 1981. p. 18.

20 - AZEVEDO, Fernando. A Antropologia e a Sociologia no Brasil. In: ---. *As Ciências no Brasil.* São Paulo, Melhoramentos. v. II p. 639-50.

21 - MELATTI, Julio Cesar. A Antropologia no Brasil: um roteiro. *Trabalhos em Ciências Sociais.* Brasília, UnB, 1983. (Série Antropológica, 38). Conforme o autor, a etnologia deve ser compreendida em um sentido mais amplo, como parte da antropologia cultural ou social que abrange os estudos em que o pesquisador entra em contato direto, face a face, com os membros da sociedade ou segmento social estudado.

22 - Apud CORREA, Mariza. *Traficantes do simbólico.* 1980. 16p (mimeogr.).

23 - MELATTI, Julio Cesar, op. cit.

24 - CORREA, Mariza. Traficantes do excêntrico; os antropólogos do Brasil dos anos 30 aos anos 60. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* 5 (6): 79-98. 1988.

25 - MELATTI, Julio Cesar. depoimento.

26 - Bronislau Malinowsky é considerado pelos antropólogos como o pai da etnologia.

27 - FRANKEN, T. A inutilidade da ciência útil ( um paradoxo brasileiro). *Cadernos de tecnologia e ciência.* I (1): 47-61, jun. 1978.

28 - CORREA, Mariza. *Traficantes do simbólico.* op. cit.

29 - GARVEY, W. D. et Alii. Communication in the physical and social sciences. In: ---. *Communication: the essence of science*. Oxford, Pergamo Press, 1979. Apendix I p. 280-99.

30 - SCHWARTZMAN, S. A política brasileira de publicações científicas e técnicas: reflexões . *Revista Brasileira de Tecnologia*. 15(3) : 25-32 mai/jun. 1984.

31 - ENCONTRO de Editores Científicos. *Ciência e Cultura*. 36(9) set 1984 p. 1.654.

32 - GARVEY, W.D. & GRIFFITH, B.C. Scientific communication as a social system. In: ---. *Communication: the essence of science*. Oxford, Pergamon Press, 1979. Apendix B, p. 148-64.

33 - RAMOS, Alcida Rita. Depoimento.

### ***Formal channels for anthropologic knowledge communication produced in Brazil***

#### **Abstract**

*The study aims to identify communication channels in Anthropology. Capes "Sistema de Acompanhamento e Avaliação" data base for the gathering of data related to eight pos-graduate courses in Anthropology was used. Three variables were chosen for the execution of the work: a) Organizations, b) Teaching staff (teachers/researches), c) Bibliographic production. Preliminary results were submitted for appreciation by members of the community of anthropologists in order to obtain qualitative analysis of statistical data. The final result of the analysis revealed three types of communication channels: formal, semi-formal and others in the area. Emphasis was given to the formal channels employed: serials and monographs. It was found that the nature of the scientific discipline determines the characteristics od formal communication channels.*

#### **Keywords**

*Scientific communication; Formal channels; Antropology.*

#### **Marlene de Oliveira**

Doutoranda em Ciência da Informação pela UnB.  
Mestre em Ciência da Informação pelo IBICT/UFRJ.  
E-mail: marleneoliveira@sirius.cnpq.br